



▶ FOTOGRAFIA

MATO ADENTRO

Vinte anos após primeiro registro de índios isolados na Amazônia, fotógrafo volta ao local; material é reunido em livro, com lançamento na próxima semana

RICARDO SENRA / FOTOS ROGÉRIO ASSIS



Vista aérea de 1989 mostra o primeiro registro oficial dos índios Zo'és, que vivem entre três rios no norte do Pará, região amazônica



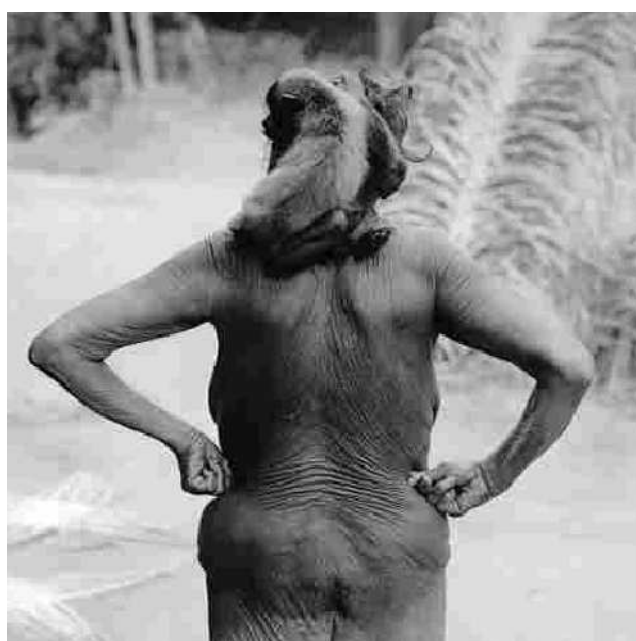
Mãe brinca com o filho dentro de uma das ocas da tribo



Isolados, os Zo'és vivem nus e caçam com arco e flecha



Peça de madeira no lábio marca a troca de dentição na infância



Quanto mais rugas têm, com mais respeito são tratados

O helicóptero da Funai rodava há duas horas, sem GPS ou internet, até que enfim encontrou uma clareira nas terras dos Zo'és, grupo indígena isolado no norte do Pará. O ano era 1989.

Quando o pássaro de ferro pousou, foi cercado por índios curiosos. Ali, a tribo teve seu primeiro contato com os homens brancos. Um deles,

o fotógrafo Rogério Assis, 48, que clicou os primeiros registros oficiais da tribo (confira na página anterior).

Foram 20 anos até ele resolver visitar os velhos amigos de novo (as fotos destas duas páginas). No dia 6, um livro sobre o reencontro será lançado na galeria Vermelho (centro) —as fotografias também serão vendidas por lá.

Nessas duas décadas, após a chegada da Funai, a população de Zo'és cresceu 86%, de 145 para 270 índios.

“Montaram até um posto dentário lá dentro”, diz Assis, que se antecipa: “Mas é só para acompanhar, ninguém põe aparelho nos dentes dos índios”.

Em mais de 80 fotos, “Zo'é” [ed. Terceiro Nome, R\$ 70] mostra costumes



Os índios Zo'és tomam vários banhos por dia e preferem águas rasas, para evitar animais perigosos e facilitar a entrada de crianças

e adereços típicos, como o “emberpot”, principal marca de identidade do grupo —um pedaço comprido de madeira que atravessa lábios inferiores de homens e mulheres. “Ele é colocado para marcar a troca de dentição das crianças”, explica Assis.

Os cocares de penas de uruburei são exclusividade delas. Já eles

não são vistos sem uma fita de palha amarrada à extremidade do pênis.

“É a roupa dos homens”, conta. “Estávamos no rio e a palha de um deles se soltou. Quando todo mundo saiu da água, ele continuou lá, até encontrarem algo para ‘protegê-lo’.”

Para ganhar confiança, Assis passava longas horas no rio ou deitado

em redes —sem câmera. “Eu era um estranho. Não dava para chegar fotografando”, diz. “Quando sentia eles confortáveis, sacava o equipamento.”

LANÇAMENTO DO LIVRO "ZO'É"

Galeria Vermelho. Rua Minas Gerais, 350, Consolação, tel. 3138-1520. 6/11, das 19h às 21h30.